

Prometheu. — Composição e desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Flora

Prometheu é uma das personificações terriveis do duello entre o homem e a divindade, isto é, entre o homem e a natureza.

Eschylo, o velho tragico, que foi levado ao Areopago, como culpado de ter divulgado os mysterios, auctorisa-nos por isso a considerar as suas peças, sobre tudo a de *Prometheu*, como a representação dos dogmas que Orpheu recolhêra no Egypto.

A força e a violencia, ministros de Jupiter, ordenam a Vulcano que cumpra as ordens de seu amo, prendendo sobre rochedos escarpados, com cadeias de diamante, o ousado protector dos homens, que descobrira e lhes communicára o fogo, orgam de todas as artes. Vulcano, apesar de ser o mais prejudicado no roubo do seu attributo, obedece com magoa, porque só é dado a Jupiter ser livre; e se os outros deuses podem tudo, não podem entanto dispor de si mesmos.

O crime de Prometheu está aqui bem definido. Ousou por puro amor invadir os privilegios dos deuses, mudando as condições da precaria e insubordinada natureza dos homens. Ensinou-lhes o progresso das artes e das sciencias, que todos os dias alargam a sua liberdade.

Ouvi, em Eschylo, o proprio Prometheu explicar-se.

«Sabei quaes eram os males dos humanos; sabei como de estupidos, que eram, os tornei inventivos e industriosos; dil-o-hei, não porque tenha queixa d'elles, mas para expor todos os meus beneficios.

Antes de mim, viam, mas viam mal *(a civilisação tem, por assim dizer, dado sentidos ao homem)*; ouviam, mas não comprehendiam. Similhantes aos phantasmas dos sonhos, confundiam tudo desde muitos seculos. Não sabiam servir-se nem de tijolos nem de madeiras para construir casas com claridade; habitavam, como formigas avidas, antros obscuros abertos debaixo da terra. Não distinguiam por nenhuns signaes certos a estação dos frios da estação das flores, da dos fructos, ou da das ceifas: obravam ao acaso e sem reflexão, até ao tempo em que lhes fiz observar o nascimento, e, o que ainda é mais difficil de conhecer, o occaso dos astros. Para elles descobri a mais bella das sciencias, a dos numeros; formei a collecção das letras, e fixei a memoria, mãe da sciencia, alma da vida. Fui o primeiro que jungi animaes, dois a dois, a fim de que, sujeitos ao homem, atrellados ou carregados, o ajudassem em seus peniveis trabalhos. Ninguem, senão eu, inventou esses navios errantes sobre os mares, aladas carruagens dos marinheiros. Não está aqui tudo. Os bens uteis, escondidos na terra, o estanho, o ferro, a prata, o ouro, quem póde lisonjear-se de os ter descoberto antes de mim? N'uma palavra, todas as artes

entre os homens são-me devidas. E, comtudo, depois de tantas invenções para os ajudar, não descubro, por mim mesmo, nenhum meio para terminar os males que padeço.»

Prometheu é o genio da civilisação nascente, contra o qual a Força e a Violencia, essas duas divindades do mundo primitivo, estão sempre armadas.

Depois de encadeado, a Força insulta-o. Prometheu queria dizer salvador, redemptor; e tendo-o sido para os homens, dando-lhes a independencia, só por um mysterio podia resgatar-se a si mesmo.

Para compartir este grande soffrimento só se approximam do rochedo deserto, em que está, algumas pobres nymphas do Oceano. É o que se encontra sempre em tôrno de todas as grandes expiações antigas, ao pé de todos os martyres, no cimo de todos os calvarios:—a mulher!

As nymphas não estão só. Io, a infeliz Io, que Jupiter persegue com seu amor implacavel, vem misturar a confidencia dos seus infortunios e das suas dores com as queixas de Prometheu. Aquella heroina errante, que o ciume do ceo fatiga, que corre de uma a outra extremidade do mundo, picada por um moscardo de bico agudo, vigiada d'um Argos de olhos sem conto, é o pensamento humano.

Tambem o Oceano, outro personagem d'aquelle drama mysterioso, se aproxima da victima. As palavras do velho Pae das aguas são de conciliação: aconselha-a, offerece-se por medianeiro, e promette obter o perdão de Jupiter. Mas Prometheu mostra-se inabalavel. Sabe que nada póde esperar do seu inimigo. Sabe que fôra *pena inutil, loucura e simplicidade* tentar conciliar o progresso com a tradição, a razão com a fé, a liberdade com a auctoridade. Espera. Toda a sua consolação é que, tratado sem misericordia, serve de exprobração a Jupiter.

Consolação profunda! A vingança de todos os opprimidos está no seu proprio supplicio, monumento de reprovação presente e futura aos que perseguem, reprovação que, cedo ou tarde, acaba por destruir o injusto poder.

Dois mysterios convem ainda explicar d'aquelle drama, onde tudo é symbolo. Eschylo faz muitas vezes dizer aos seus personagens, que a dominação de Jupiter, pae dos deuses, é recente; e que o seu poder deve acabar.

Os egypcios, de que Eschylo participava por Orpheu, criam, com os indios, que as ultimas mudanças occorridas na natureza ao apparecimento do homem, coincidiam com uma innovação na propria divindade. Fôra d'ella que saíra Jupiter, successor de Saturno. Saturno (o Tempo) era a personificação dos phenomenos, que tinham composto o universo, nos seculos de formação e nascimento do mundo. Saturno fôra desthronado por uma nova incarnação de deus na natureza. Jupiter (o Ar, o modificador ambiente dos seres e das cousas na superficie do globo,) era, por assim dizer, a ultima fórma da substancia divina.

«O reino de Jupiter deve acabar.» É por isso que Prometheu cofiava n'uma nova transformação da divindade, para ver quebradas as cadeias, e extincto o supplicio. O successor de Jupiter deve ser seu filho. Deus não se reproduz senão de deus.

Eschylo, como Moyses (porque um e outro não fazem senão traduzir em fórma differente os mysterios do templo egypcio), attribue ao novo senhor da natureza sentimentos de hostilidade (ao menos apparentes) contra o homem.

Prometheu queixa-se de que Jupiter, longe de admittir os infelizes mortaes a partilhar os seus dons, quizesse anniquilal-os, e *crear uma nova raça*, sem que ninguem parecesse oppor-se, senão elle, que fôra o unico que ousára impedir que os homens, fulminados pelo raio, fossem povoar os infernos.

N'estes lamentos ha evidentemente uma recordação das antigas revoluções do globo. Os primeiros homens, habitando um mundo, se assim se póde dizer, pouco consolidado, attribuiam á natureza projectos destruidores, e temiam ver d'um momento para o outro abysmar a sua raça n'uma nova catastrophe da terra. O genio da civilisação, contendo os mares, disciplinando a força dos elementos, submettendo a materia á idéa, elevava por ventura barreira contra as assolações, contra os flagellos do mundo primitivo. As ossadas perdidas nas entranhas da terra, vasta sepultura das creações precedentes, bem claramente advertiam que uma raça podia um dia ser substituida sobre o globo por outra raça.

Era preciso que Jupiter visse em Prometheu mui temivel inimigo para o tratar como o trata.

A Força manda a Vulcano que accelere o seu trabalho. Vulcano pranteia os males de Prometheu, mas tem medo de Jupiter. Depois de encadeado sobre o rochedo, ainda lhe atravessam o peito com aguda ponta de diamante.

Mas esse genio, preso, soldado ao rochedo, reptil humano que se estorce entre cadeias, e cujo supplicio apiada seu proprio verdugo, ainda em tal estado mette medo á divindade, porque esconde no peito um segredo que a inquieta.

Mandado de Jupiter zeloso, Mercurio procura allicial-o e obter explicação do mysterio. Nem tormento, nem astucia, podem, porém, arrancar a Prometheu a menor revelação. Os infortunios não lhe quebrantam o animo. Continúa a vangloriar-se de saber o unico meio que Jupiter podéra empregar para não ser um dia precipitado do throno dos ceos. Jupiter, que é a auctoridade, ignora-o. Prometheu, que é o progresso, sabe-o.

As ameaças de Mercurio nada alcançam. Prometheu nem teme o raio, nem o trovão, nem ser precipitado no barathro profundo com a rocha a que está preso, nem reapparecer depois para ser pasto continuo do abutre que lhe ha de dilacerar as carnes, e banquetear-se com seu figado negro e ensanguengado. O martyr sabe que, por mais que Jupiter faça, viverá sempre.

N'isso está o segredo da eterna força do espirito humano, que deuses e homens perseguem desde a origem do mundo. Façam embora ao pensamento guerra exterminadora, e sem treguas; arranquem a liberdade á consciencia com os potros das inquisições; fulminem o progresso; entreguem o espirito d'exame ás brutalidades da força e da violencia; sepultem a indulgencia nas masmorras, que o gigante bradará sempre entre as mãos do algoz: — «Por mais que façam, viverei.»

As reacções perseguem, não matam as idéas.

Não podendo vencer a resistencia moral de Prometheu, Jupiter recorre á força material. Fulmina o que não póde submetter. Treme a terra; levantam-se os mares até ao ceo. O raio scintilla e fende o rochedo em que a victima jaz encadeada. Prometheu acaba por uma protestação, que é a protestação de todos os martyres: testimunha com toda a natureza o seu infortunio, e a injustiça do pae dos deuses.

É assim que a peça de Eschylo acaba. Mas, segundo o seu costume, o auctor tinha composto uma trilogia sobre o mesmo personagem: — *Prometheu trazendo o fogo aos homens.* — *Prometheu encadeado.*— *Prometheu libertado.*

Das tres peças só a segunda nos resta. Pelo fragmento de uma traducção latina do *Prometheu libertado*, podêmos crer que Eschylo, interprete dos antigos dogmas, tinha fé n'uma reconciliação futura entre o poder divino e o poder humano, logo que um e outro chegassem a ser modificados por successivas revoluções. O meio para essa reconciliação, o segre-

do de Prometheu, a consolidação social, as condições para viver sempre, só se podem procurar na renovação.

Tudo isto é um mytho, e pouco ha em todas as tradições que o não seja. Em termos modernos podêmos traduzil-o pelas palavras: *privilegio guerreando a egualdade: — despotismo guerreando a liberdade.*

---

## O ERMITÃO.

### X.

Hidelberto já não sentia o peso da existencia monotona e fastidiosamente uniforme; já não lastimava o dia, que passava, como desperdiçado no ocio e no desgosto; porque agora, sorvendo a vagarosos tragos o amor, que lhe offerecia o mavioso olhar de Armesinda, não só dias mas até seculos, se fosse possivel, se lhe deslisariam imperceptiveis.

Já não se lamentava, nem se dizia — «phantasma de olhos fixos e apagados, que sem saudade alguma no preterito, fruição no presente, ou esperança no futuro, caminhava vacillante e só pela escabrosa senda da existencia, estranho á felicidade, e desvalido de affeições, fugido d'um berço, e em busca d'um tumulo!» — Já não.

É porque no immenso campo da sua imaginação, até alli vasio, mudo e esteril, lhe nascêra, radiante e formosa, a flor da felicidade, um encanto, um manancial de ternas sensações, em fim, um amor.

E quando, apertando entre as suas as mãos delicadas de Armesinda, contemplava a lua e as estrellas que tão languidamente se arrastavam pelo ceo, inundando com suave claridade as quebradas e planicies; ou quando phantasiava combates, galardões e triumphos, já os não via sem que primeiro visse Armesinda, com o seu rosto mimoso e ligeiramente rosado; com o seu olhar melancolico; com o seu sorriso tão meigo, com o seu cabello assetinado, com seu talhe flexivel e esbelto.

— Ai! quem sabe, Armesinda, quem sabe se tu serás para mim a espada aguda que o idiota tomado de cobiça e jubilo apertou ignorante entre as mãos, e que, de muito a conchegar ao peito, o feriu e matou!

Mas um osculo prolongado e ardente vinha logo desvanecer-lhe todo o receio; e elle, preso a tão doce enlevo, de que não podia soltar-se sem deixar a vida, tornava a engolphar-se na contemplação d'aquella que estremecia como realisação dos seus sonhos de felicidade, como descida dos ceos por supplica do seu coração.

Assim passaram dois dias.

### XI.

Ao horror e aversão do eremita succedêra a compaixão: a muitas preces, a porfiadas luctas, devia elle esta mudança; mas a final o espirito da caridade prevalecêra em sua alma, para bem d'elle e para bem do enfermo.

Sem tino e já moribundo jazia o conde Julião sobre o leito; e o eremita pallido e de mãos cruzadas, em pé diante d'elle, estava immovel e sombrio como o anjo da morte, que alli aguardava o ultimo arranco d'aquelle vivente.

Repentino tremor agitou o conde, que, soltando um rugido, de um pulo se sentou como para agarrar alguem que lhe fugia:

— Rodrigo, que fizeste de minha filha?

— Perdoa-me! perdoa-me! — exclamou o ermitão atirando-se de joelhos, e escondendo o rosto no seu grosseiro zorâme.

### XII.

Mas o conde já o não ouviu: bem como o clarão que se apaga em trevas, bem como o raio, que serpenteia e se some, assim aquelle lampejo de vida alumiou com uma claridade vermelha e rapida aquelle semblante, que logo se decompoz e enfiou.

Dir-se-hia então que n'aquelle olhar fixo e espantado que nada já distinguia, ficára a possibilidade de descobrir um mundo intacteavel, de penetrar no tecido espesso de acontecimentos passados. Que hora extrema tão agitada! Que bramidos, que furor!

Umas vezes parecia, que enfileirados espectros ameaçadores e raivosos lhe passavam por diante do espelho da alma; outras vezes, que um lago de sangue se engrossava e crescia para o afogar, ao som de anathemas e gemidos, e á luz de um vasto incendio!

Armesinda e Hidelberto acudiram aos gritos do eremita. O conde Julião debatia-se, bradava.... depois caiu para traz, soltou um suspiro.... foi o ultimo.

— Meu avô! meu querido avô! — disse então Armesinda abraçando o cadaver do conde.

— Seu avô?! — exclamou o ermitão considerando-a attonito: — seu avô?! Providencia de Deus!

E proferindo isto chorava copiosamente.

### XIII.

Sangue illustre, sangue de reis girava pelas veias de Armesinda.

Porém a desgraça embalára-lhe o berço, e o sôpro da fatalidade crestára-lhe a tez. De sua infeliz mãe não possuia a misera mais que vagas e confusas reminiscencias, como de visão mal esboçada, que se lhe sumira de relance nas neblinas da aurora dos seus dias. De seu pae, nem um indicio!

Dizia-se que a filha do conde Julião, Florinda, a amante de Rodrigo, aterrada com a mortandade e destruição, que seu malfadado amor trouxera á Hespanha, expirára dentro em pouco, delirante, e amaldiçoando a sevicia de seu pae: dizia-se.

Mas Armesinda nem por isso era menos acariciada por Julião, que talvez arrependido e desenganado na sua ambição e vingança parecia experimentar allivio nos seus remorsos com as blandicias que prodigalisava á filha do rei godo, que elle desthronára.

Em uma ceia esplendida, em uma orgia, recebeu Julião uma proposta affrontosa.

Abu-Hassan-Elgerid, enlevado nos attractivos de Armesinda, dissoluto e arrebatado, rico e poderoso, acceso nos mais impetuosos e lascivos desejos, teve o arrojo de lhe offerecer uma vil somma de oiro pela posse da formosa donzella.

Julião tragou a injuria, e astuto fingiu acceitar o contrato. O Africano, meio embriagado e louco de contentamento, travou logo do braço do conde, e o introduziu n'uma alcova retirada, a fim de lhe entregar a somma ajustada; na occasião, porém, em que curvado sobre o cofre de suas riquezas contava a quantia, que lhe comprava tão cubiçados gozos, o frio aço d'um punhal o varou pelas costas, e o estendeu morto sobre o ouro.

Uma porta occulta, um corredor tortuoso e escuro facilitou então fuga ao conde Julião, que, sómente quando em pleno ar, e pisando o campo, mediu o perigo a que se arriscára, deixou cair o punhal mortifero, e tremeu.

Foi assim que o iracundo guerreiro, o orgulhoso e malvado gardingo, a quem os arabes deviam o imperio da Hespanha, assegurou a pureza de sua neta!

Tremendo exemplo!

Desprezado desde ha muito por aquelles mesmos, que elle enriquecêra com um reino tão extenso e

fertil, torturado por mil remorsos, escarnecido por estes, abandonado por aquelles, malquisto por todos, o conde traidor, o renegado, só ao seu punhal devia o que já não podia obter pela sua classe e consideração, a honra de Armesinda!... E isto succedia-lhe depois de haver devastado a preciosa Hespanha, para vingar uma similhante injuria, para punir uma culpa similhante!

Triste fatalidade! Pesado castigo!

Minutos depois corria elle pela esplanada, seguido de Armesinda, e de alguns seus servidores, todos a cavallo; ia fugindo!

E ao atravessar florestas sombrias, e escalvadas gangantas de ingremes montanhas, todo desorientado e medroso, o algoz da sua patria, o traidor deshumano e sacrilego, ouvia como estourarem-lhe ao ouvido gritos de condemnação, palavras que lhe congelavam o sangue.

De todos os lados phantasmas, de todos os lados lamentos o perseguiam! Rapido redomoinho de sangue se lhe desencadeára no cerebro, e seus dentes rangiam involuntariamente.

Eis que o livido espetro de sua filha, ora d'aqui lhe surdia por entre a mata de urzes, ora atravessava aquella clareira d'além; os olhos da infeliz reluziam medonhos, sua boca rasgava-se amaldiçoando-o, em quanto o indigitava com horror a uma chusma de sombras, que ameaçadoras lhe acenavam, mostrando-lhe suas feridas gangrenosas, e seus rostos esqualidos ao clarão do incendio dos templos, onde a cruz de Christo fôra calcada pelo corcel do arabe triumphante.

Até mesmo a lua, embuçando-se em densas nuvens, desenhava-lhe precipicios, espantosos barrancos, onde mais lizo era o terreno.

E a comitiva do conde Julião corria, corria.

XIV.

A inquietação dos convivas já não soffre moderação, nem a ausencia de Abu-Hassan admitte desculpa.

Presentidos de alguma cilada, todos elles largam o banquete, e se precipitam em sua busca. Percorrem as galerias, sobem e descem as escadas, interrogam os eunucos, erguem uma tapeçaria e acham-n'o.

A vista d'aquelle sangue enfurece-os, e dos labios arroxados e espumosos do cadaver crêem ouvir uma supplica — vingança.

E aquelles filhos do deserto, enraivecidos e pressurosos, montam a cavallo, e á redea solta vão na pista do assassino.

Lá o divisam muito ao longe, gritam-lhe, ameaçam-n'o, esporeiam os ginetes com dobrada furia. E d'aquella massa escura e conglobada, qual impetuoso bulcão baixado das montanhas, a lua por entre nuvens, arrancava mil luzeiros, que relampagueando saltavam de um alfange para uma lança, d'este minarete para aquelle escudo, apagando-se para de novo fuzilarem luzes incertas e repentinas, como as dos fogos fatuos que se agitam nos cemiterios.

Horrendo bramido atroa então os ares, mas agora por parte dos fugitivos, que se vêem accommettidos com um furor inaudito. Travou-se porfiada peleja.

Foi então que Hidelberto salvou Armesinda.

XV.

A Hidelberto devia a formosa virgem vida e amor.

Quando depois da tremenda batalha, disputada nas planuras do Chryssus, o rei godo, vencido e só, se escapou á sanha do arabe feroz, levou elle não por poucos tempos uma vida errante e miseravel atravez de matagaes e florestas. Um dia, porém, que mais descorçoado se pozera a andar, subita vozearia, sentidos queixumes lhe feriram o ouvido: por um irreflectido impeto do coração, vôa em auxilio d'aquella victima, e depara com uma dama, que extremosamente apertava ao seio uma criança, em quanto tres sectarios do alcorão a maltratavam, na esperança de a verem ceder por fim a seus brutaes appetites, ou de se apoderarem de seu filhinho para refens de avultada quantia. Nem uma nem outra cousa conseguiram; porque a espada de Rodrigo, qual raio desencadeado, os prostrou a todos sem vida.

Mas ai! a nobre senhora, a prezada esposa do illustre e brioso gardingo, que expirára ao lado de Robrigo, combatendo pela sua causa, mal pôde murmurar um agradecimento, e expirou apontando para seu filho, que chorava amargamente deitado sobre a relva, humida com o sangue da infeliz que lhe déra a existencia.

O godo, depois de os contemplar enternecido, e com os olhos arrazados de agua, como arguindo-se das desgraças que o seu peccaminoso amor occasionára a seus subditos, desgraças tão sensivelmente symbolisadas nas pessoas d'aquelles dois miseros entes, tomou por uma subita resolução a pobre criança em seus braços, e afastou-se horrorisado e choroso para onde o mais fechado do arvoredo lhe promettia um refugio longe do espantoso alarido com que os infieis saudavam as enroladas e crepitantes linguas de fogo, que estavam reduzindo a cinzas a augusta mansão do alentado gardingo, seu irmão de armas.

E Rodrigo, chegando a si o seu precioso fardo, por sentir com isto certo refrigerio ao padecimento, que lhe estorcia o coração, dava graças ao ceo, por lhe haver collocado, á beira da sua estrada de culpas e desvarios, uma boa acção que lhe grangearia a indulgencia do Altissimo.

O orphão tornou-se vigoroso e destemido.

O leitor já o conhece.

XVI

Amanhecia.

Cada vez mais rosadas ondas de luz se alastravam pelo ceo, e inundavam montanhas e valles: e o zephyro frio zoava timidamente atravez da folhagem, d'onde pendiam tremulas gotas de orvalho que brilhavam como diamantes caídos do regaço d'alguma boa fada na sua excursão nocturna.

Já do centro d'estas moitas rompe o gorgeio das avesinhas que á porfia esvoaçam, se aturdem, e acariciam; já d'alli a collina se veste de viva purpura. E o sol, depois de abrasear o oriente, como espreitando a medo pelas cristas do monte, descobre a principio delgada fimbria, para logo, cobrando animo á vista de tão deliciosas paragens, se elevar soberbo e radiante ás alturas immensas.

Nunca o astro do dia alumiou scena mais tocante. Hidelberto, lavado em lagrimas, mal sustinha um ancião, ao passo que uma joven de joelhos e soluçando, murmurava fervorosas preces.

— Como é bello este amanhecer! disse por fim o ermitão a muito custo, e como enlevado n'um intimo contentamento: e não me querias tu consentir este prazer, que para mim é o ultimo, proseguiu elle dirigindo-se a Hidelberto. Olha, é aqui, á vista de tantos attractivos, que eu quero acabar. — E logo, como se repentina visão lhe fuzilasse ao longe, o eremita, erguendo o rosto acceso em alegria, exclamou: — Dia de redempção, eu te abençôo! Hespanha, minha Hespanha, ainda serás livre! — E succumbindo a tal esforço, apenas pôde articular o nome de Pelayo.

A chamma prophetica ainda lhe abrasava o rosto, quando um suspiro prolongado, e duas lagrimas, que vagarosas se lhe sumiram nas barbas, exprimiram o derradeiro adeus do ancião, que tombou para ser eterno.

E com effeito a essa hora, para o lado das Asturias, Pelayo, o refugiado nas cavernas de Covadonga,

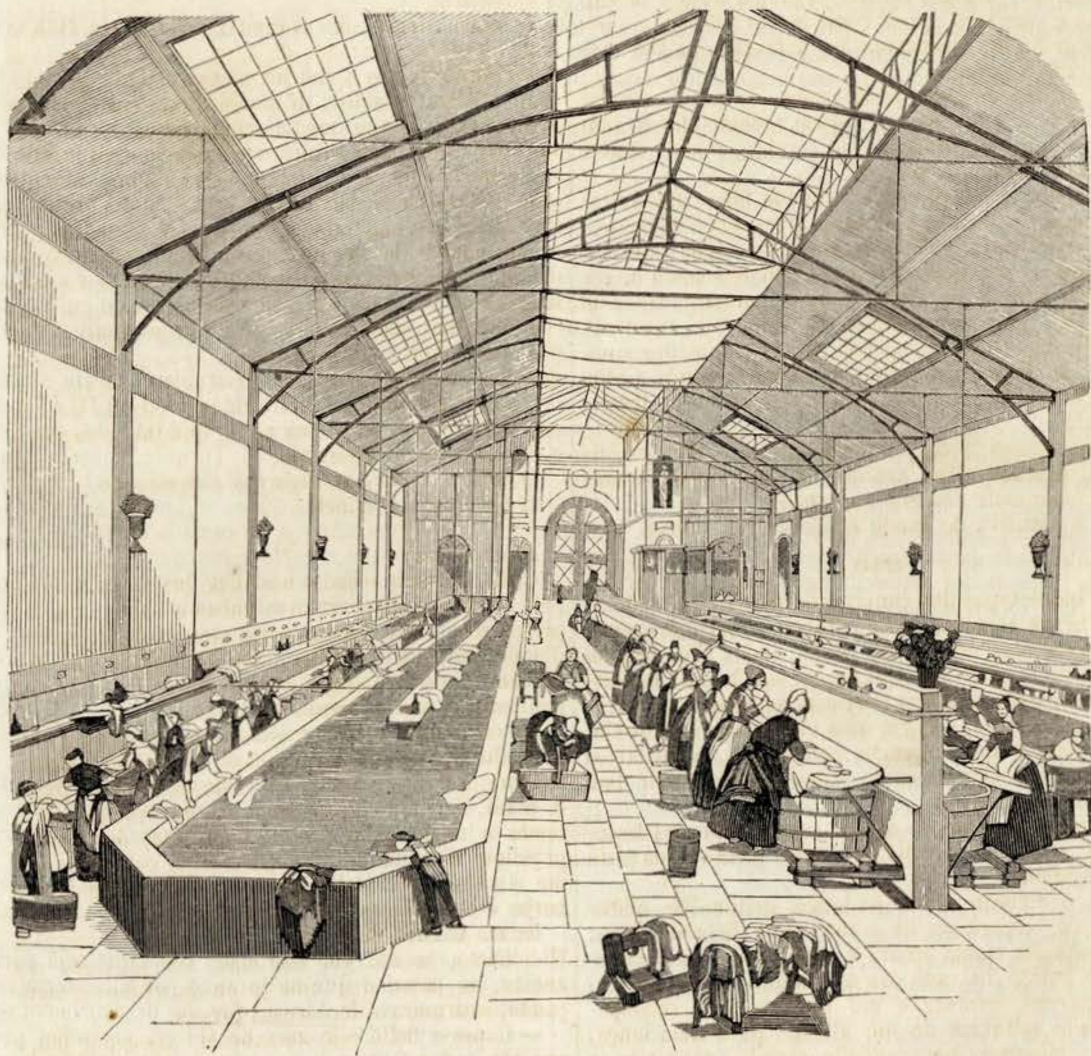
derrotàva, á frente dos seus montanhezes, um exercito arabe em Cangas d'Oniz. Foi o primeiro golpe descarregado sobre a cadeia de victorias, que acorrentavam a peninsula ao jugo do alcorão.

Quando, no dia seguinte, os dois amantes procuraram a sepultura do eremita, para a regarem com as suas lagrimas, e lhe offerecerem uma coroa de cypreste, viram alli ajoelhado o monge romano que, habitando em uma capella proxima, vinha repetidas vezes visitar o eremita. O ancião consumira toda aquella noite em gravar n'uma pedra tosca este epithaphio: — *Aqui jaz Rodrigo, rei dos godos.*

Hidelberto e Armesinda uniram as suas preces ás do monge, que, mal concluiu a sua tarefa, sereno e socegado beijou a cruz que assignalava a ultima estancia do amigo, e se afastou para nunca mais apparecer.

Que sobre o meu tumulo ignorado e rasteiro deposite alguem uma coroa de cypreste, e crave uma cruz: denuncie o cypreste a tristeza do meu viver, e a cruz, essa piedosa sentinella da lousa, atteste que a minha esperança em Deus sempre esteve de pé!

J. G. DOS SANTOS LIMA.



Interior de uma lavanderia publica em Paris. — Gravura de Coelho Junior.

O estabelecimento de lavanderias publicas, aliás tão uteis á população pobre e laboriosa, á qual poupam o dinheiro, o tempo e a saude, tem tomado desde alguns annos, em Paris, um desenvolvimento notavel. Em 1846 existia apenas uma, na rua de Sevres, erigida por diligencia e sob a direcção dos srs. Rabier e Chambellan. Hoje cada bairro possue, pelo menos, uma.

A lavanderia de que aqui damos o desenho foi a primeira que se estabeleceu na famosa capital, servindo de modelo ás que depois se construiram.

É um vasto edificio, medindo trinta e cinco metros de comprimento sobre vinte e cinco de largura. O tecto é envidraçado e sustentado por asnas de ferro mui ligeiras e elegantes, derramando na ampla sala abundante e pura luz, e permittindo e favorecendo ao mesmo tempo constante ventilação.

O solo, lageado todo, é conservado sempre na mais escrupulosa limpeza.

O apparelho preparado para a lavagem consiste em dois tanques de egual comprimento ao da sala principal, em *batedeiras*, ou bancadas, munidas de torneiras, n'uma barreleira economica (buanderie), e em fim n'uma machina de vapor da força de oito cavallos, que serve para levantar aos tanques as aguas do Sena, pondo egualmente em movimento dois enxugadores, cuja acção é tão rapida, que são sufficientes seis ou sete minutos para seccar a roupa.

Annexa ao estabelecimento ha uma casa destinada para a refeição das lavadeiras.

Poucas palavras nos bastarão para fazer comprehender a serventia de cada parte do apparelho, cujo funccionar harmonico permitte lixivar, lavar e seccar a roupa no espaço de algumas horas apenas, e mediante uma somma excessivamente modica.

Os tanques, nos quaes a agua do Sena é largamente distribuida pela machina, são incessantemente alimentados por um repuxo que a renova logo que convenha e n'um breve espaço de tempo. As *batedeiras* compõem-se de taboas, ou bancadas, inclinadas sobre celhas moveis, para bater e ensaboar; a agua que ahi cáe escorre por pequenos canaes abertos entre as lages, e vae despejar nos canos de despejo. Estão estas batedeiras dispostas por tal sorte, que cento e cincoenta pessoas podem trabalhar ao mesmo tempo no seu logar sem o menor incommodo.

A barreleira occupa uma sala particular bem arejada e ventilada. Cada trouxa, antes de ser mettida na cuva onde se faz a barrela, é atada com um cordel, e recebe um numero de ordem para evitar o extravio ou perda de alguma peça. Tomadas estas cautelas preliminares o apparelho começa a funccionar por meio da machina de vapor, e sob a direcção de operarios entendidos addictos ao estabelecimento.

Lixivada, batida e lavada a roupa, passa ao enxugadouro, que completa todo o trabalho. Por aqui se póde calcular a importancia de uma instituição d'este genero e do progresso immenso que ella imprimiu a uma industria que durante tantos seculos não teve outro recurso em Paris senão a lavagem ao ar livre nos barcos e nas ribeiras do Sena, com todos os inconvenientes que d'ahi resultavam para a saude das lavadeiras, expostas a todas as intemperies, e para a liberdade da navegação, sem cessar estorvada por tão incommodos apparelhos nas margens do rio.

Nem só a isto, porém, se limitam as vantagens que a população parisiense aufere das lavanderias publicas. A hygiene, e por consequencia a moralisação, não aproveita menos com a limpeza do corpo do que com o aceio da roupa. O estabelecimento de banhos publicos devia seguir, como complemento, o estabelecimento das lavanderias. Foi o que teve logar, graças á iniciativa intelligente e aos cuidados perseverantes do sr. Cormenin. E de feito, em todos os paizes adiantados os banhos e as lavanderias funccionam de concerto e se auxiliam reciprocamente n'um mesmo pensamento de salubridade e de economia. Assim, a maquina, que eleva a agua aos tanques das lavanderias, a distribue egualmente nas banheiras, a aquece, a renova, e a faz circular, sem outra despeza que a do combustivel, e da roupa para os banhistas.

Lisboa, infelizmente, ainda está privada de tão uteis estabelecimentos; e para isso releva confessar que tem em grande parte concorrido a falta de agua potavel, que apenas abasta actualmente para satisfazer as mais instantes necessidades dos habitantes de uma grande e populosa capital.

Ha é verdade um soberbo estabelecimento de banhos no hospital de Rilhafolles, outro não menos excellente, ainda por concluir, a S. Paulo, edificado a expensas da santa casa da misericordia, e finalmente a aceiada casa de banhos do dr. Nilo; mas estes estabelecimentos, e outros existentes nos diversos hospitaes, são uteis quasi que só sob o ponto de vista medico; casas de banhos, como se requerem hoje e se devem exigir, em toda a cidade em que se attendam, mesmo medianamente, os mais simples preceitos da hygiene, essas não existem, como não existem tambem lavanderias regulares e economicas, pois não podêmos dar similhante nome a alguns immundos tanques que por ahi vêmos com verdadeira dor d'alma.

Oxalá que a companhia emprezaria do fornecimento das aguas na capital, constituindo-se definitivamente, se lembre de dotal-a com estes estabelecimentos, pondo os seus beneficios ao alcance das classes laboriosas; n'isso faria de certo um assignalado serviço á humanidade, concorrendo tambem efficazmente para melhorar as condições physicas e sociaes d'aquellas classes.

*P.*

---

## CURIOSIDADES HISTORICAS

### ÁCERCA DOS PREÇOS EM PORTUGAL NOS SECULOS XV E XVI.

O que vamos publicar n'este artigo são apenas apontamentos soltos de mais graves e substanciaes estudos, mas que nos parecem offerecer interesse e utilidade, versando sobre objectos, sobre que se tem escripto pouco, e de que ainda ha alguns annos atraz se não fazia cabedal. Louca seria a minha pretenção, se por ventura tentasse com estes fragmentos outra cousa mais do que offerecer materiaes para os trabalhos economicos que de futuro hão de vir auxiliar a sciencia historica, entre nós tão pouco cultivada, e que tão rica e fecunda se apresenta para as verdadeiras vocações litterarias.

N'uma carta escripta em Carnide em vinte e quatro de abril de 1462, e dirigida por el-rei D. Affonso o v a D. João da Silveira, barão de Alvito, para se aprestar para a jornada da Turquia, inserta n'um manuscripto da academia real das sciencias, apparecem estes dados, pelos quaes se podem apreciar os preços de certos generos no reinado d'aquelle rei, e na epocha em que a carta é escripta:

«Dez homens de armas, dez besteiros, e dez homens de pé, e porém vos encommendâmos que vos façais com elles prestes segundo virdes que para o tal effeito cumpre: para os quais havereis mantimento de pão e vinho e carne e pescado pago a dinheiro para seis meses, e quatro alqueires de trigo a *dez reis o alqueire*, e dois almudes de vinho a *vinte reis* o almude, encascado, e huma arroba de carne a *trinta e seis reis* salgada o encascada, e duas pescadas e meia a *cinco reis* a pescada, e o dinheiro que em todo se contar vos será dado no mez de Outubro primeiro seguinte.»

Damião de Goes na *Chronica do Principe D. João*, em diversos logares cita preços referidos á epocha de D. Affonso v.

«No anno de 1469 não achei coisa que seja para escrever, a saber que neste anno por Elrei ter mais gasto na guerra de Africa, que dos descobrimentos, nem proveyto das cousas de Guiné, arrendou por cinco annos o trato destas terras descobertas a hum Fernando Gomes Cidadão da cidade de Lisboa, por preço e quantia de *cem mil reais brancos cada anno*, com condição que elle fosse obrigado a descobrir neste tempo cem legoas cada anno além da Serra Leoa, que era o extremo do que até entam os nossos tinhão descoberto.» (*Chronica do Principe D. João* pag. 83).

E na mesma pagina:

«No anno de 1470 deu ElRei por carta a governança de Alcacer a D. Henrique de Menezes, Conde de Valença, Senhor de Caminha, filho de D. Duarte de Menezes Conde de Viana, Capitão que fôra da mesma villa de Alcacere com *dois milhões e 2024 reaes brancos*, para rações de 400 homens de soldo, e cem meias rações de mulheres, moços, e outras pessoas de serviço............»

Damião de Goes não sabendo penetrar as causas

porque no seu tempo os generos iam successivamente subindo de preço, facto inevitavel depois de se ter antes, havia quasi um seculo, descoberto a America e a India, escreve o seguinte a respeito das despezas feitas na expedição de Arzilla e Alcacer:— «na qual armada havia entre náos grossas, galeões, galez, fustas e outros navios de carga trezentas e trinta e oito vélas, e gente de guerra nobre e soldados sem a marinhagem e outra gente de serviço, vinte e quatro mil homens. O que toda esta tão grossa Armada fez de custo porei aqui, para que se veja a mudança dos tempos, e dos preços das cousas, o qual foy de *cento e trinta e cinco mil dobras* de ouro, segundo achey por memoriais feytos por D. Vasco de Ataide Prior do Crato, que fez a que se ordenou em Lisboa, e tomou as contas de toda, assim da hida como da vinda, e na que se fez para a tomada de Alcacere, de que elle tambem tomou as contas, se despenderam *cento e quinze mil dobras*, gasto tão moderado para o que não sey se bastaria agora hum conto de oiro para huma destas Armadas, segundo a desordem cresceo em todas as cousas, e a cobiça nos officiaes dos Reys» *(Chronica do Principe D. João)*.

Encontrei n'um manuscripto a curiosa despeza que a camara fez na festa pelo nascimento do infante D. Affonso, filho de D. João II, então principe, e neto de Affonso V.

«Relação da Despeza que se fez na festa da Nascença do Infante, filho do Principe D. João N.° S.^or

Primeiramente deu por mil e quinhentos bolos a meio real a peça 750 rs.

«Deu por trese almudes de vinho branco a alvaro gomes a seis reis e quatro pretos a canada 1081, 6 p.

Deu por compra de quatro almudes e meio de vinho vermelho a gonç.° aff.° ferrador a oito rs. a canada 468 rs.

«Deu a alvaro da facha por compra de trese almudes de vinho vermelho a oitto rs e oito pretos 1487 rs.

«Deu por vinho e fruta 38 rs.

«Deu por cidrões para a dita Festa e do carreto delles 300 rs.

«Deu por confeitos de herva doce e coentro, que pesão uma arroba a meia a vinte e sinco reis o arrartel 1200 rs.

«Deu por meia arroba de amendoa confeita a 28 rs o arratel 448 rs.

«Deu por tres guitarras de cerejas co'a siza a duzentos e sesenta e cinco reis a guitarra 825 rs.

«Deu por seis milheiros e meio de fartes 650 rs.

«Deu por compra de doze potes do aguadeiro para terem e acarretarem o vinho, 144 rs.

«Deu por carreto d'elles á casa de alv.° gomes 12 rs.

«Deu a um Porteiro que ha nome J.^e arres por rama de louro e por carreto delle 100 rs.

«Deu d'aluguer de tres talhas para terem agua para a gente 10 rs.

«Do carreto dellas, de trazer e levar da Mouraria á Camara 24 rs.

«Deu por agua para encherem as talhas 12 rs.

«Deu por quarenta pucaros 27 réis.

«Deu por assento de couzas de sua casa para a camara 21 rs.

«Deus por aluguer de bacios e alvaradas d'estanho em que serviram 72 rs.

«Despendeo o Procurador em compra de rosas, coentros, carretos d'agoa e vinho, e dos orgãos, e em alimpar as basas e ante-porta da Camara, e tamiça, e pregos, e outras miudezas 44 rs.

«Soma esta ferea onze mil trezentos sincoenta e sinco reais e oito pretos assommada por alvaro mêz contador da cidade: 11:355 rs e 8 pretos.

«Gonçales anes Thesoureiro da Cidade de Lisboa. Os Vereadores e Procuradores dessa mesma vos mandamos que paguees os onze mil e trezentos e sincoenta e sinco reais e oito pretos que se mostra em recadação escrita serem despezas, seg.° se em feria atrás escrita contem e como os pagardes cobrai este alvara e ferea e sem mais conhecimento mandamos ao contador que volos leve em despeza: feito a XXX de maio. lopo alma em ausencia de jorge vaz o fez anno do senhor de mil e quatrocentos setenta e cinco annos. Assignado por cinco officiais da Camara.»

Quando o principe D. João veiu de Castella, presumimos nós que da infausta batalha de Toro, porque a data do documento não se póde bem distinguir, a camara fez-lhe um presente de linguados, deixando registrada esta dadiva n'estes termos:

«Lembrança de hum cesto de linguados que a Camara de Lisboa mandou ao Princepe, qu.^do veio de Castella.

«João vidal contador da Cidade de Lisboa: Os vereadores e procuradores d'esta mesma vos mandamos que leveis em despesa a Gonçalo anes This.° da dita cidade cem rs. que pagou a João gl.^es cavaleiro por hum cesto de linguados e outro pescado que por nosso mandado levou ao Principe quando veio de Castella, e veio jantar a Almada. Feita em ella a desoito dagosto de.... annos: assinado por quatro officiais.»

A Camara de Lisboa, segundo parece, nos seus dias de maior trabalho, refazia as forças á custa do rendimento municipal, porque encontrâmos estas notas de despeza, proximamente na mesma epocha:

«Mandado da Camara de Lisboa para Alvaro miz: Alvaro Miz contador da cidade de Lisboa, os vereadores e Procurador dessa mesma vos mandamos, que leveis em despeza a G.° anes This.° da cidade de Lisboa, quarenta e quatro rs. que por nosso mandado despendeo em uma colação que fizemos á apuração da gente que ha d'ir pera o cerco d'alegrete. Lopo alma em ausaencia de Iorge Vaz o fez assinado por quatro officiaes: E mais lhe levareis em despesa vinte e tres rs. que aos XXX do mez passado em outra colação que foi feita ao.... dos Mesteres que eram no trabalho de fazer os roles da apuração feito o primeiro de Junho de 1466 annos.»

Tambem por outro documento sabemos quanto ganhava o *bensedor de cães damnados*, preço que nos exprime uma das feições da superstição d'aquellas eras:

«Ordenado de João Nunes que bense os cães damnados: — Hade haver João Nunes que bense os cães damnados hum mil rs. de sua tença d'este anno que se começa polo primeiro dia dabril de.... Alvaro do Porto a fez. Mandado da cidade para o Thes.° pagar este ordenado: Gonçalo Anes Thiz.° da cidade de Lisboa. Os Vereadores, e Procurador, e procuradores dos Mesteres d'esta mesma vos mandamos que paguees a João nunes bensedor hum mil rs. que se mostra por arrecadação escrita que hade haver de seu mantimento deste anno, e como o pagardes cobrai este alvará e seu cont.°; e mandamos ao contador da dita cidade que volos leve em conta e despeza. Feito em ella a XIII dias de Março de 1497 annos. E eu Alvaro de Calvos o fiz escrever. — era assinado por seis officiaes da camera.»

Vamos apresentar alguns documentos curiosos sobre preços nos primeiros annos do reinado de el-rei D. Manuel, e por elles se verá que durante os primeiros annos do seculo XVI, apesar das descobertas de el-rei D. João II, e de já Vasco da Gama nos ter aberto o caminho da India, a relação entre o numerario e os productos apenas imperceptivelmente se havia alterado.

«Lembrança que fez Vasco Pires Thes.° no vestido que a cidade mandou dar ao moço d'estribeira del Rey Nosso Senhor d'alviçara da carta que trouxe das

victorias que Tristão da Cunha, e o Viso-Rey fizera nas Indias: segue o gasto:

«Por onze covados e meio de lila verde escura a quatro centos reis o covado 400 rs.

«De bosar o dito pano 80 rs.

«De tres covados de damasco branco a seiscentos reis o covado 600 rs.

«De uma terça de veludo cremesi para debruar o jubão 350 rs.

«De meio covado de tafetá azul para filhos dos bozaes e colar e dianteiras 60 rs.

«De forros para o dito jubão.

«Huma onça de retros aliqnado para prepontear a capa e pelote 120 rs.

«De uma outava de retros branco para coser o jubão 16 rs.

«Humas calças de m. grãa já feitas 450 rs.

«De quarenta e cinco botões para o jubão a cinco rs. são 225 rs.

«De huma quarta de cetim cramesi para bocaes das mangas do pelote.

«De feitio de capa e pelote, e de o pespontarem cccvi rs.

«De sessenta e dois botões que tem a capa e pelote a sinquo rs. o botão 360 rs.

«De feitio do jubão 150 rs.

Soma esta despesa oito mil seiscentos e um réis. Sebastião da Costa».

A data d'este documento é do 1.º de julho de 1508.

Vimos outro anterior, e que tambem versa sobre preços de objectos manufacturados, e que é datado de 20 de fevereiro de 1498, proximamente na epocha em que D. Manuel voltou da visita que fizera aos Reinos de Castella.

«Mandado da Camara de Lisboa para o This.º da Cidade pagar o gasto que se fez nos jubões dos Cidadaens, para a entrada Del Rey na dita cidade: Fernam Miz Vieira This.º desta cidade de Lisboa. Os vereadores Procurador e Procuradores dos Mesteres dela vos mandamos que dees e paguees a Isabel Mendes hum mil novecentos e oitenta rs. que lhe monta e hade haver de compra de sincoenta e quatro varas de pano: de vinte e seis varas de linho de Bretanha a LX rs. por vara: e de vinte e seis varas de pano d'estopa a XVI rs. por vara em que monta os ditos mil e novecentos réis............... Feito em ella a IV dias do mes de Fev.º de 1498 annos, assinado por officiais da Camara.»

Já nas primeiras decadas do seculo XVI os preços tinham subido consideravelmente. Nas notas annexas aos *Annaes de D. João* III por frei Luiz de Sousa, e no proprio texto, encontram-se alguns, ainda que rapidos, dados.

«Por conta del Rey de 21 de Setembro de 1533, consta que se achava trigo a trinta réis o alqueire, e quarenta moios de milho a vinte e sinco réis o alqueire.»

Os preços durante a fome, elevavam-se a uma taixa, quasi inaccessivel ás fortunas.

«Durante a fome que devastou o reino, no anno de 1522, diz frei Luiz de Sousa, o trigo que ás vezes se vendia era a quatrocentos e cincoenta réis o alqueire: o milho a cento e cincoenta, que para aquelles tempos era como um prodigio. (Parte 1.ª Capitulo XI, pag. 44.)»

Resta-nos agora explicar o valor do dinheiro. As dobras de que Damião de Goes falla devem ser *dobras de banda* ou d'ouro, lavradas por D. João I de Castella (1379 a 1390) e tambem por D. João II (1406 a 1454), que tinham ouro de 22 quilates: em 22 de agosto de 1460 corriam em Portugal por 230 reaes brancos.

O real branco ou maravedi valia 6 ceitis, ou 10 reaes pretos: e a libra valia 20 reaes brancos. Os reas pretos eram realmente um *bilão* de cobre, porque, como moeda, nenhum valor verdadeiro teriam, nem os nossos escriptores lhes designam o peso e os typos.

Veja-se a *Memoria* das Moedas Correntes em Portugal, desde o tempo dos romanos, até ao anno de 1856, por Manoel Bernardo Lopes Fernandes. Nova Serie das *Memorias da Academia Real das Sciencias*. (Tomo II Parte 1.ª 1857.)

*L. de M.*

---

COMO SE EDUCAVAM OS FILHOS DOS ANTIGOS REIS PERSAS.

Platão admirava a maneira de educar os filhos dos reis persas, e chegou a propol-a aos gregos, como modelo de uma educação perfeita.

O modo era o seguinte:

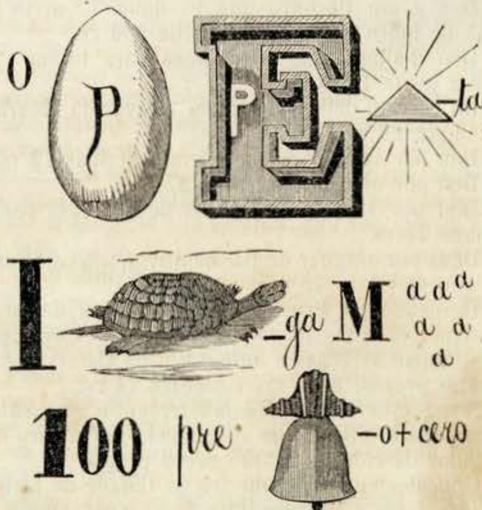
Na edade de sete annos tiravam-n'os das mãos dos eunucos para lhes ensinar a equitação e exercital-os na caça. Aos quatorze annos, edade em que o espirito começa a formar-se e a ter conhecimento da sua razão, passavam a receber educação. Esta educação era-lhes dada por quatro homens dos mais virtuosos e sabios do estado, iniciados nas doutrinas dos magos. O primeiro, segundo Platão, ensinava-lhes a magia, isto é, o culto dos deuses segundo as antigas maximas e leis de Zoroastro, filho, como quer Bossuet, d'Oromaso. O segundo acostumava-os a dizerem verdade e fazerem justiça recta e prompta. O terceiro ensinava-lhes a não se deixarem vencer pelas voluptuosidades, a fim de serem sempre livres e verdadeiros reis, mestres de si proprios e de seus desejos. O quarto despertava-lhes o animo, fortalecendo-lhes a coragem contra o temor, fraqueza d'alma que tantos escravos ha feito, e gelado a confiança tão necessaria a quem governa. Quando os reputavam promptos, dirigiam-n'os ao palacio do rei, tomando o maior cuidado em que não vissem nem ouvissem cousa alguma deshonesta. Davam então conta ao rei do seu proceder durante todo o ensino, a qual era seguida, pór sua ordem, de castigos ou recompensas.

Xenophonte observa que era esta uma pratica das que mais estimulava os brios da mocidade.

*N. S.*

---

ENIGMA PITTORESCO




Lisboa — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B